



Você
acredita
em
macumba?

Carlos Eduardo Martins Guimarães

Cooperado de Acupuntura

José Conde, um português empreendedor oriundo de Viana do Castelo, que viera para o Brasil na década de 70, encontrou no litoral de Sergipe, entre as montanhas e o mar, um local conhecido como Mangue Seco, região muito semelhante a sua terra natal. Animado, resolveu construir um hotel com requintes arquitetônicos que lembravam Portugal, com a intenção de exploração comercial e de selar seu enraizamento no Brasil.

Durante muitos anos, ficou distante de Portugal e planejava rever seus patrícios após as comemorações da passagem do ano-novo. Nessa época, o hotel não estava tendo uma ocupação compensatória, o que levou o senhor Conde a contratar uma empresa especializada em logística para incrementar o turismo e aumentar seu fluxo de clientes. Chegou até a cogitar o fechamento do hotel e voltar para sua terra, caso a situação não se revertisse. Assim, no dia 15 de janeiro de 1979, partiu rumo à Viana do Castelo para matar as saudades, deixando o hotel aos cuidados da gerente Gerusa, funcionária de sua inteira confiança. Com o dedicado olhar de cuidadora, Gerusa resolveu fazer uma vistoria nas dependências do hotel, buscando melhorar o funcionamento para resgatar a clientela que andava bastante sumida. Caminhando pelos arredores do hotel, deparou-se em uma encruzilhada, onde encontrou um arranjo de pólvora queimada, enrolada em papéis desenhados com lápis crayon, amarrados com uma fita vermelha. Vendo aquilo ficou toda arrepiada e logo imaginou: “estão fazendo macumba contra alguém aqui no hotel”. Mais que depressa, tratou de ligar para sua tia Elvira, que era “entendida” sobre cultos sincréticos afro-brasileiros para uma avaliação da situação. Ao chegar ao local, Dona Elvira fechou os olhos, deu uma rodada em cima da pólvora queimada e pronunciou com convicção: “Isto é linha cruzada! Macumba, minha filha! Sinto uma força invisí-

vel dos sete raios! É a força representada pelo segredo composto das linhas e das falanges. Vejo que foi feita para você! Vejo também que foi uma mulher loura, de cabelos cacheados. Ela pretende ficar com seu marido e desarticular a sua vida! Este hotel está contaminado pelos raios da mironga!" Arrepios de medo saltaram de Geresa, e ela sentiu que tinha que tomar providências urgentemente. Após o diagnóstico profético, a gerente reuniu todos os funcionários do hotel, alertando-os sobre a maldição que os assolara. No mesmo dia, o jardineiro Ageu, mais que depressa, arranjou umas mudas de "comigo-ninguém-pode" e tratou de plantar no entorno do hotel. Luiz, o recepcionista, sem pestanejar, passou a usar ramos de arruda atrás da orelha, distribuindo a erva para quem quisesse se proteger.

O dia foi tenso. Chovia fino e relampejava. No fim da tarde, apareceu um senhor de olhar encovado, levando empadinhas e pastéis quentinhos. Era um presente de Dona Cida Albuquerque para os funcionários do hotel, como reconhecimento ao excelente trabalho oferecido a ela durante sua estadia. O embrulho ficou intacto. Ninguém ousou comer os petiscos. Um olhava para o outro e comentava: "Eu hem... comer estes salgadinhos... devem ter sido feitos com galinha preta! Eu também não vou comer não... sei lá se foi a loura da macumba quem mandou..." Nesse momento, surge sorrateiramente o garçom Severino, empunhando um defumador aceso e uma vela vermelha enrolada com uma fita branca. Todo mundo queria estar protegido.

No dia seguinte, Pretinha, filha de Geresa, telefona avisando que sua mãe não ia trabalhar porque tinha amanhecido com vômitos e vertigem e, provavelmente, teria que ficar internada na Santa Casa. A notícia soou como uma bomba, levando a todos a certeza de que era mandinga. O clima era de insegurança e se falava em até trazer o padre Lucas para benzer o local.

O fim de semana parecia interminável para os funcionários do hotel. Lá pelas seis horas da tarde de domingo, chegou Ernesto, um funcionário da área de manutenção, com seu sorriso peculiar. Observando os olhares assustados dos funcionários e achando estranho o cheiro de mirra no ar, perguntou o que estava acontecendo. Mais que depressa, Adenildo, que acabara de chegar para cumprir o horário noturno desabafou: “Sabe, Ernesto, fizeram macumba para Gerusa e ela está indo para Aracaju neste momento para fazer alguns exames. Aqui os recursos já se esgotaram”. Curioso, Ernesto perguntou: “Mas que história é essa Adenildo?” O porteiro, mais que depressa, chama o colega para ir até ao local do despacho. Chegando lá, aponta em direção à pólvora queimada e avisa: “Não chega muito perto não, pode ser perigoso!” Ernesto solta uma sonora gargalhada. “Fui eu quem queimou estas pólvoras, na sexta-feira antes de ir para casa, rapaz!” Eram sobras dos fogos de artifício do réveillon, que o senhor Conde não quis guardar no hotel por receio de algum acidente. “Graças a Deus”, exclamou Adenildo olhando para o céu.

De repente, um alívio tomou conta de todos. Luiz arrancou a arruda da orelha, os defumadores e velas foram apagados imediatamente.

No dia seguinte, Gerusa teve alta do hospital e o hotel voltou a funcionar sem medo e sem estresse. Os funcionários esquentaram os salgadinhos e se deliciaram como nunca. Ao retornar ao trabalho, recuperada do susto, os colegas perguntaram sobre o diagnóstico durante sua internação. Prontamente, ela respondeu: “Quando contei aos médicos toda essa história, eles me disseram: Gerusa, na maioria das vezes, o inimigo que nos aflige e amedronta mora dentro de nós mesmos”. Seja feliz e tenha fé naquilo em que você acredita”.